

típicos produtos da revolução burguesa e da política liberal, pois são os profissionais da representação de interesses” (p.26). Verifica-se que a representação política dos advogados era apenas a ampliação de uma atividade que já exerciam nas relações sociais e econômicas. Além disso, juristas e magistrados exerceram grande papel na política e nas administrações portuguesa e brasileira. Nessa obra, pode-se distinguir a diferença entre o papel dos juristas e advogados, pois esses estavam para o Estado absolutista, e aqueles para o Estado liberal.

A burocracia como vocação de todos, a unificação da elite de letrados e magistrados, e os juízes, padres e soldados como matizes da ordem, também são abordados com maestria e qualidade das fontes bibliográficas pesquisadas. Na “Construção da Ordem” o autor recorre à expressão do sociólogo Guerreiro Ramos, “dialética da ambigüidade”, para caracterizar a dinâmica das relações entre a burocracia imperial e os proprietários rurais.

Na segunda parte do livro, “Teatro das Sombras”, em brilhante conclusão, o autor usa a metáfora teatral para caracterizar o Império brasileiro, na esteira das observações de quatro obras relevantes de Joaquim Nabuco e de outras, menos benévolas, de Ferreira Vianna, em seu *Conferência dos Divinos*, de 1867, que apresenta Pedro II utilizando como veículo de expressão a forma teatral. O livro de Carvalho permite uma análise densa do perfil das elites políticas brasileiras no século XIX, de sua composição e da relação que elas mantiveram com os partidos políticos imperiais, elementos essenciais para a compreensão dos protagonistas do enredo político do Império. Os vários cenários onde a ação se desenvolve, as províncias e a corte, os espaços da política formal e aquele das representações simbólicas, juntamente com o universo das instituições e as disputas políticas relativas ao trabalho escravo e à política de terras, são levados em conta, bem como os fatos que delineiam particularmente a interpretação da construção da ordem escravista e da unidade do Império. O rei e os barões, o orçamento imperial e os limites do governo, as políticas da abolição e de terras, junto com a atuação do Conselho de Estados, repleto de bacharéis, tido como a cabeça do governo, são analisados através de uma rica perspectiva interdisciplinar e documental, com dados estatísticos, que ajudam sobremaneira a entender a formação do Estado brasileiro. Por fim, as eleições e os partidos, como erro de sintaxe político, e a brilhante conclusão, em “Teatro das Sombras”,

mostra que o teatro da monarquia, com a sua comédia imperial, logo seria transformado em farsa republicana, num teatro que seria uma outra história, ou estória.

Referência

DE CARVALHO, José Murilo. *A Construção da Ordem: a elite política imperial; Teatro das Sombras: A política imperial*. 2.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, Relume-Dumará, 1996, 436 p.

